

ECOLOGIA PROFUNDA, PERCEÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM OLHAR SISTÊMICO SOBRE O MUNDO

**ALTEMBURG, Shirley N¹; LOVATTO, Patrícia B²; CASALINHO, Hέλvio³;
BEZERRA, Antônio A⁴. FERREIRA, Lizângela R⁵.**

^{1,2,3,4} Programa de Pós Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar – FAEM/UFPel – Campus Universitário – Caixa Postal 354 – CEP 96010-900. shi_nascimento@yahoo.com.br, biolovatto@yahoo.com.br, ajabez@ufpel.tche.br, ⁵ Professora Substituta Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental- Instituto Federal Sul-rio-grandense- IFSul/Pelotas.lizangelaferreira@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Quanto mais se estuda as catástrofes ambientais de nossa época, mais se percebe que elas não ocorrem de forma isolada, possuem um caráter sistêmico: interligadas e interdependentes entre si e por outros fatores.

As referidas catástrofes são resultado da crise ambiental que vivenciamos. A grande questão é que esta crise não surgiu de uma hora para outra, na realidade ela surgiu há alguns séculos atrás. Isso mesmo, a crise ambiental é o conjunto de ações danosas que o homem vem causando ao longo de sua existência. Para Sirvinskas (2005) “a crise ambiental surge entre a Idade Média e Moderna, especialmente no período da Revolução Industrial, pois aí iniciou as agressões a natureza. A escassez dos recursos e a degradação do meio ambiente é resultado da rápida expansão da população, que acaba levando ao colapso as comunidades locais e gerando violência étnica e tribal, desrespeitando saberes e valores por muito arraigados a essas populações e no cenário atual tão desprezados.

Em função da crise ambiental citada acima, muito se houve falar em preservação ambiental. Freitas (2005), diz que a preocupação com a preservação ambiental é antiga. Há muito tempo os cientistas vêm alertando a população para os malefícios de uma ocupação desordenada do solo, o esgotamento dos recursos naturais. Entretanto, para sanar ou minimizar a crise ambiental que vêm se agravando com os preceitos da modernidade é necessário que se tenha mais que preocupação ambiental, é preciso que os referidos problemas sejam interpretados, como diferentes fases de uma única crise, “a crise de percepção”. Ela resulta do fato de que a maioria de nós, incluindo as grandes instituições sociais, concorda com os conceitos de uma visão de mundo retrograda uma visão fragmentada que mostra a percepção da realidade de forma inadequada para lidarmos com nosso mundo super-povoado e globalmente interligado. Portanto, só estaremos perto da superação da atual crise quando de fato for possível perceber o mundo sem fragmentações vendo todos os segmentos da vida cotidiana com ética e respeito. Para que isto ocorra é necessária uma mudança profunda de valores, capaz de reestruturar a história da humanidade. Nesse sentido, o presente trabalho traz uma série de contribuições feitas por diferentes autores relacionando o papel da ecologia profunda na construção de uma educação ambiental complexa voltada para a interiorização humana e para o reconhecimento do homem como parte integrativa da natureza.

Mudando o enfoque: Um olhar diferente sobre a humanidade

Nos dias atuais, são muitas as tentativas de compreender a dinâmica que existe entre o homem e o meio ao qual ele faz parte, muitos estudiosos tem se dedicado para tal, pois fica evidente que a maneira cartesiana como esta relação ainda é vista não serve mais. Assim, busca-se encontrar uma nova visão de mundo que traga a compreensão plena da importância fundamental de todas as formas de vida que habitam o planeta, evidenciando que nada existe isoladamente, tudo faz parte de um todo. Na modernidade, o homem contemporâneo defronta-se com problemas alarmantes que exigem uma nova postura que segundo os escritos de Boff (1994), nos remete a um novo patamar da consciência mundial: a importância da terra como um todo, o destino comum da natureza e do ser humano.

Para Jung (1964, p.16), a ligação do homem e seu ambiente esta expressa nas seguintes palavras, “todos nós precisamos de alimento para a psique, é impossível encontrar esse alimento nas habitações urbanas, sem uma única mancha verde ou uma árvore em flor, necessitamos de um relacionamento com natureza; precisamos proteger-nos das coisas que nos cercam; o meu eu não está confinado ao corpo; estende-se a todas as coisas que fiz e a todas as coisas a minha volta, sem essas coisas não seria eu mesmo, não seria um ser humano. Tudo que me rodeia é parte de mim”. Segundo Boff (1994) a ecologia da mente procura recuperar o núcleo valorativo-emocional do ser humano em face da natureza. Neste sentido, entende-se que a ecologia profunda norteará as mudanças de percepção necessárias à mudança de comportamento que harmonizará a relação homem/natureza.

Assim, a ecologia profunda ou ecologia espiritual adota em suas bases a interdependência fundamental de todos os fenômenos: ela vê o universo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular da teia da vida. (Capra, 1999)

De acordo com Capra (1999), a percepção da ecologia profunda constitui a percepção espiritual ou religiosa, pois está concebe que o espírito humano é entendido como o modo de consciência na qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexão com o cosmos como um todo, ficando claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda.

Neste sentido, a ecologia profunda pode ser vista como uma base para as revoluções positivas esperadas no mundo, pois só teremos de fato uma mudança no comportamento da humanidade se a mesma reconhecer a necessidade desta mudança. Para tal, faz-se necessário romper com o velho olhar para mundo e passá-lo a vê-lo através de um novo paradigma, o qual afirma a *inseparabilidade* de todas as coisas e procura eliminar o discurso e a prática dualistas. Apenas a holologia, ou seja, a obtenção ou o desenvolvimento de uma compreensão clara e de uma interpretação correta da não-dualidade, pelos meios clássicos ligados ao pensamento discursivo (Weil, 1987a).

A partir desta concepção pode-se acreditar que existem sim soluções para os grandes problemas de nossa época, algumas delas até mesmo simples. A grande questão é que elas só acontecerão a partir de uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores. Neste sentido, estamos agora rumo a uma mudança fundamental de visão do mundo na ciência e na sociedade, o que podemos considerar como uma mudança de paradigma que surge através do reconhecimento de que é necessária uma profunda mudança de percepção e de pensamento para garantir a nossa sobrevivência.

Ecologia profunda: o despertar para uma nova Educação Ambiental

Conforme mencionado acima a ecologia profunda atua como agente transformador do ser, pois o mesmo consegue ver o mundo através da janela da realidade conseguindo perceber a importância de cada parte do todo.

Isto acontece porque a ecologia profunda aflora de forma positiva a percepção ambiental do indivíduo, assim a percepção ambiental se manifesta a partir de "uma tomada de consciência do homem pelo ambiente", e é expressa pela maneira como ele percebe o ambiente em que está inserido, aprendendo a protegê-lo e cuidá-lo da melhor forma. De acordo com (Del Rio, 1991) o termo percepção ambiental inclui não apenas as percepções bio-fisiológicas, mas também as imagens que formamos mentalmente sobre o mundo vivido. Nossas memórias, experiências, predileções, interpretações, atitudes e expectativas. Deste modo, ecologia profunda e percepção ambiental são ingredientes fundamentais nas discussões sobre meio ambiente e preservação. Contribuindo com este pensamento Fernandes (2005), fala que muitas são as discussões sobre meio ambiente e preservação, contudo a correta percepção que os indivíduos têm sobre o assunto, principalmente com relação à real dimensão dos aspectos ambientais e seus efeitos no planeta, não é tão clara. Assim, o autor, define percepção ambiental como uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, o ato de perceber o ambiente no qual está inserido, aprendendo a cuidá-lo e protegê-lo. Deste modo, para o mesmo autor, a percepção ambiental como instrumento de gestão ambiental pode ser utilizado para melhorar a qualidade de vida das pessoas e da natureza.

Neste sentido, Davidoff (1983), lembra que a percepção atua no processo de organizar e interpretar dados sensoriais recebidos (sensações) para desenvolvermos a consciência do ambiente que nos cerca e de nós mesmos. A percepção, portanto, implica interpretação. Nossos sentidos podem ser considerados como nossas janelas para o mundo.

Deste modo, a correta percepção ambiental precisa ser estimulada entre a sociedade para que se possa viver em harmonia entre os homens e com o meio, para que isto ocorra é necessário trabalhar com bases fortes a educação não de forma ingênua, mais sim de maneira emancipadora buscando valores e princípios aparentemente adormecidos, despertando a idéia de que nossas ações não começam e terminam em nós. Conforme Morin (1996) na ecologia da ação, toda a ação humana, a partir do momento em que é iniciada, escapa das mãos de seu iniciador e entra no jogo das interações múltiplas próprias da sociedade, que a desviam de seu objetivo e às vezes lhe dão um destino oposto ao que era visado. Dentro deste contexto, busca-se aflorar a percepção através da educação ambiental, pois assim, o homem será "movido", levado pelos princípios da sustentabilidade ecológica, da valorização da diversidade cultural, através da racionalidade econômica e do planejamento do desenvolvimento. Portanto, a educação ambiental propõe-se a educar para formar um pensamento crítico, reflexivo, capaz de analisar as complexas relações da realidade natural e social, para atuar no ambiente dentro de uma perspectiva global, mas diferenciada pelas diversas condições que a definem (Leff, 1995).

Em última análise a percepção ecológica profunda é urgente e necessária nos dias de hoje, pois assim "O cuidado flui naturalmente se o "eu" é ampliado e aprofundado de maneira tal que a proteção da Natureza livre seja sentida e concebida como proteção de nós mesmos. Desta maneira, o eu ecológico manifesta em nosso comportamento, uma consciência da realidade expressa de maneira natural e bela e assim segue normas de estrita ética ambientalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, fica evidente que a humanidade esta em constante processo de mutação interior no que diz respeito aos valores, crenças e ações. Deste modo, é fundamental dar ouvido a fala que permeia o interior de cada um. Assume papel relevante neste processo de mudanças a educação ambiental, pois a mesma carrega o desafio de proporcionar o diálogo entre a natureza e a cultura, sem privilegiar ou excluir uma delas, mas buscando uma conciliação que responda aos problemas ambientais, aos problemas do desenvolvimento humano e finalmente aos problemas do processo educativo. Em ultima instância cabe ressaltar que qualquer outra forma de educação que não for ambiental, não poderá ser considerada educação para a vida.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. **Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres**. São Paulo: Ática, 1995.

CAPRA, F. **A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**.

São Paulo: Cultrix, 1996.

DEL RIO, Vicente (1991) “**Desenho urbano e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro: a contribuição do estudo da Percepção Ambiental**”. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-USP, São Paulo.

DAVIDOFF, L.F. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: McGraw – Hill do Brasil, 1983.

FERNANDES, R. S. **A percepção ambiental pode ser usada como instrumento de gestão educacional e social**. (Núcleo de Estudos em Percepção Ambiental NEPA, 2005) Disponível em: http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html
Acesso em: 28 de julho de 2010.

FREITAS, Vladimir Passos de; FREITAS, Gilberto Passos de. **Crimes contra a natureza**. 8.ed., São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2006.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 2ed. Nova Fronteira, 1964.

LEFF, E. La pedagogia del ambiente. **In Formación Ambiental**, v. 6, n. 12, 18 - 21, 1995.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1996.

SIRVINSKAS, Luís Paulo. **Manual de direito ambiental**. 3.ed., São Paulo: Saraiva, 2005.

WEIL, Pierre (1987). **A neurose do paraíso perdido: proposta para uma nova visão da existência**. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/CEPA.